



ARTÍCULO | ARTIGO | ARTICLE

Fermentario N. 9, Vol. 1 (2015)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien, Sorbonne. www.ceaq-sorbonne.org

“TORNAR-SE O QUE SE É”: UMA VIA NEGATIVA?

Thaise Dias Alves¹

RESUMO

A frase “tornar-te aquilo que és” aparece pela primeira vez na obra de Nietzsche, em grego, no imperativo e em epígrafe num trabalho juvenil sobre Teógnis, sendo um dos lemas da sua III Consideração intempestiva: *Schopenhauer como educador* (1874), e que volta a aparecer com diferentes modulações, a saber, no parágrafo 263 de *Humano, demasiado humano* (1878) e nos parágrafos 270 e 335 de *Gaia ciência* (1882)². Mais adiante, a expressão aparece em “O convalescente” e “A oferenda do mel”, de *Assim falou Zaratustra* (1883), e por último, como subtítulo de *Ecce Homo* (1888), no parágrafo 9 intitulado: “Por que sou tão inteligente”. A partir daqui, farei uma análise desses distintos momentos que se complementam, articulando esta máxima nietzschiana à noção de *Bildung* e demonstrando como ela envolve a ideia de mestre ao decorrer do seu discurso, principalmente, nos relatos de “Nietzsche sobre Nietzsche”, isto é, em sua autobiografia.

ABSTRACT

The phrase "make you what you are" first appears in the works of Nietzsche, "in Greek", and the imperative to above, in a youth work on Theognis", one of the slogans of III Consideration untimely and that will reappear with different modulations, namely, in paragraph 263 of human, All Too Human and paragraphs 270 and 335 of the Gaia Science. Secondly, the term appears in

¹ É mestra em Filosofia da Educação (2013), linha pesquisa: Filosofia da Educação, graduada em Filosofia (2013), pela Universidade Federal de Santa Catarina.

² LARROSA, 2009: 41-42

"The Convalescent" and "Honey offering" of Thus Spake Zarathustra, and finally, the subtitle of his *Ecce Homo*, in paragraph 9 titled: "Why am I so smart". From here, I will be reviewing these different moments that complement and linking this maximum Nietzschean notion of *Bildung* and to demonstrating how it involves the master idea of the course of his speech, especially in the reporting of "Nietzsche of Nietzsche," that is, in his autobiography.

O ENSAIO COMO IMPERATIVO

Naturalmente, será possível encontrar outras variações do termo na obra do filósofo, tais como o "encontrar-se a si próprio", "descobrir-se a si próprio", "buscar-se a si próprio", "formar-se a si próprio", "cultivar-se a si próprio", "fazer-se a si próprio", incluindo, claro, o "conhecer-se a si próprio"³. É devido a essas variações que delimito o foco principal desta discussão, investigando os textos que evocaram o termo da maneira mais próxima de sua primeira formulação original retirada de Píndaro: "transforma-te no que és!".

Porém, como seria possível encontrar a nós mesmos? Como o homem pode se conhecer? Como é possível chegar a ser o que se é? Com certeza, se pensarmos no texto *Schopenhauer como educador* — ou mesmo na primeira fase de Nietzsche — nos deparamos com esse preceito à luz da negação. Em outras palavras, no momento em que Nietzsche expõe tudo aquilo que, de fato, não pertence ao mestre, negando a educação do presente para demonstrar, justamente através das falhas e da negação dos próprios modelos da época, a extrema necessidade de resgatar a formação autêntica e os modelos clássicos. Aqui, segundo Larrosa, encontramos um apelo à voz da consciência, que chega através do exemplo de Schopenhauer, pois este

imperativo de ser sujeito acentua essa sensação de solidão, de heroica solidão, como a condição e partida de um sujeito que não pode confiar agora nem na religião, nem na sociedade, nem no Estado, para encontrar seu próprio caminho⁴.

De alguma maneira, para "chegar a ser o que se é" seria preciso por em xeque tudo aquilo que vivenciamos até então, e logo, deixar de confiar em si, para assim gerar perguntas do tipo: "como seria possível um homem conhecer-se?" Tal exame poderia alcançar a própria raiz do homem, tocando, principalmente, o papel do educador, afinal, qual seria a força motriz para isso? Em outras palavras, quem será o mote, a primeira força que nos fará perguntar por quem somos? Aqui, o preceito ataca o modo de comportar-se comodamente consigo mesmo para obedecer à consciência que grita: "Sê tu mesmo. Tudo o que agora fazes, opina e deseja, nada tem a ver contigo"⁵.

Até que tomemos uma determinada distância para enxergar um horizonte além daquele "simplesmente dado", essa expressão provoca um "ultrapassamento" de "si", que antes não se questionava, sendo agora o momento em que deixamos de opinar, ou, em outras palavras, deixamos de ser

³ LARROSA, 2009: 42

⁴ LARROSA, 2009: 42

⁵ NIETZSCHE, 2000b: 25-26

rasos para ir mais a fundo, ao realizar constantes auto-avaliações e auto-exames.

De certa forma, tudo isso indica que a formação só pode se dar de maneira intempestiva, contra si, contra seu próprio tempo, ou seja, no rompimento com tudo que, até então, era nomeado de “si mesmo”, ou seja, através de uma “via negativa”. Nessas condições, isso nos deixa ver mais claramente que o “chega a ser o que és!” de Nietzsche está mais próximo do problema do mestre do que idealizamos, afinal, ele é o próprio responsável pela “arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades. Algo, naturalmente, que não se pode fazer de modo técnico nem de modo massificado”⁶.

No entanto, é no surgimento seguinte da expressão encontrada em trechos da *Gaia Ciência* que percebemos outros significados da máxima:

(...) mas nós queremos chegar a ser o que somos – os novos, os únicos, os incomparáveis, os que-se-dão-leis-a-si-mesmos, os que se-acreditam-a-si mesmos! E para isso temos que chegar a ser os melhores aprendizes e descobridores de todo o legal e necessário no mundo: temos que ser físicos, para poder ser criadores⁷.

Isso quer dizer que, para chegarmos ao que somos, precisamos, de um lado, nos aliar a essa física entendida por Nietzsche, isto é, a uma ciência que agora serve como mecanismo de distinção, de precisão e seriedade ao pensamento, oferecendo um adequado rigor ao pensamento, que é contrário às meras opiniões e observações. Porém, dos poucos que sabem utilizar essa ferramenta, menos ainda são os que utilizam para observar a si mesmos, pois essa máquina fria pode destruir, embora possa também auxiliar na busca pelo desassossego do “chegar a ser o que é”. Por outro lado, também necessitamos *ser criadores*, ter a *Geist* artística, em outras palavras, ter a vontade de criação. E eis que aqui a “*Bildung* começa a mostrar também sua dimensão estética ou poética, sua face de auto-criação artística”⁸, dentro da mesma discussão.

Nesse momento, o “tornar-se o que se é” encontra um novo sentido, não mais de negação ou de revisão de uma consciência fixa, como na obra “Schopenhauer como educador” (1873). Deixa de ser essa “exploração” de um caráter já dado — aparentemente imutável e estabelecido — e passa a ser a criação de si, a transformação de si, mas a partir de um leque de experiências anteriores que jamais se abandona.

Esse é o reencontro com o conceito de *Eterno Retorno*, que novamente atravessa a discussão sobre o mestre e a *Bildung* através da experimentação, sendo o homem aquele que deseja “tornar-se o que é” experimentando novos momentos, novos desafios, novas viagens de si mesmo de maneira incessante, porém, desapegado de um substrato estabelecido. Em outras palavras, desprendido de uma essência imutável e passando por uma série de experiências diárias que foram, de certa maneira, já apresentadas, pois as vontades se repetem, sendo, assim, novamente alimentadas. Aqui, o “tornar-se o que se é”

⁶ LARROSA, 2009: 43

⁷ NIETZSCHE, 1985: 194-195

⁸ LARROSA, 2009: 56

Contém o “ex” do exterior, do exílio, do estranho, do êxtase. Contém também o “per” de percurso, do “passar através”, da viagem, de uma viagem na qual o sujeito da experiência se prova e se ensaia a si mesmo. E não sem risco: no *experiri* está o *periri*, *periculum*, perigo⁹.

Mas, o que há de novo nesse movimento? O que há de interessante numa vida cheia de vontades que se repetem? Ou, qual a dificuldade de “encontrar-se quem se é”, já que estamos lidando com acontecimentos pré-estabelecidos? Neste contexto, percebemos que a máxima nietzschiana dá voz à “vontade de arte”, chamando o homem para criar, recriar, interpretar e reinterpretar “quem se é”: este que não está em nós, mas acima de nós, logo, dificilmente alcançável. Novamente, lembramos que somos seres indefinidos, ensaios ininterruptos, mas ainda nos resta a melhor parte: dar novos gostos e sabores à vida.

A terceira aparição da máxima encontramos em “O convalescente” e “A oferenda do mel”, de *Assim falou Zaratustra*, nos quais vemos uma “complementação”, isto é, uma afirmação do mesmo sentido da expressão usado na *Gaia Ciência*. Quando Zaratustra desce a montanha e conhece o povoado, experimenta várias formas de existência distintas, como por exemplo, o malabarista que cai da corda e se transforma em moribundo, ou o velho, repleto de valores tradicionais, mas intolerante com os pensamentos diversos. Mesmo assim, o espírito errante faz amizades e inimizadas, conquista discípulos, conversa com pessoas crentes na própria sabedoria e encontra outros seres que também lhe ensinam algo. Até mesmo sua “sentença” é anunciada, uma vez que, após os sete dias de esperanças, de fracassos e de sucessos, o personagem recebe uma mensagem da serpente e da águia: “eis aqui que tu serás o profeta do eterno retorno... Este é agora teu destino”¹⁰.

Então, podemos dizer que, antes de tudo, Zaratustra experimenta sua caminhada transformando-se no próprio fruto de suas relações. Logo, percebe que dessa forma é possível “tornar o que se é”, ou seja, trocando de mirada, de pensamento junto aos outros; que é possível formar-se no combate entre vontades externas e internas, assim como nos erros, nos desafios, nos sucessos, em suma, nesses enfrentamentos internos e externos.

Se num primeiro momento Zaratustra desce da montanha com o intuito inicial de educar seu povo, isto é, de difundir seus conhecimentos, falar em meio à multidão, doutrinar e arrebatando discípulos com seus preceitos, em seguida retorna mais experimentando, agraciado com tudo aquilo que viu e participou. Nesse movimento, Nietzsche nega o método e confirma o acaso, ao demonstrar que o mestre nem sempre é aquele que se espera, pois Zaratustra retorna com uma nova compreensão da vida, de si, de sua experiência, especialmente com um novo olhar sobre as próprias verdades que ainda eram tidas como absolutas. E eis que, assim, não mais “se considera tanto ‘mestre do super-homem’, senão como profeta do ‘eterno retorno’”¹¹, pois

Zaratustra compreendeu agora que sua própria concepção do super-homem, aquela que tinha na primeira parte do livro, estava apegada, ainda, a uma perspectiva histórica e antropológica, como se fosse

⁹ LARROSA, 2009: 56

¹⁰ NIETZSCHE, 1972: 302-303

¹¹ LARROSA, 2009: 59

uma meta, uma esperança, uma possibilidade, um caminho futuro, de progresso, de perfeição, que se oferece aos homens através da morte de Deus e da desvalorização de todos os valores¹².

Novamente, entendemos como o *Eterno Retorno* se afina afirmativamente com a vida, momento em que o homem se torna capaz de erguer-se acima de si no encontro com sua máxima intensidade. É “como se só pela afirmação do *Eterno Retorno* fosse possível ‘chegar-se a ser o que se é’”¹³, ou seja, nessa relação com os fatos, e não mais no plano do saber, com o autoconhecimento, mas com a paixão, a alegria e a intensidade das ações.

Já em a “Oferenda do mel”, Nietzsche vai destacar as virtudes do homem que sabe administrar seu tempo, que tem paciência e lida com a solidão e o silêncio, assim como o pescador, mas não qualquer um, mas o *mais cruel dos pescadores*, como um mestre que puxa e eleva até que cada um volte a si e vá além de si mesmo, até que cada um chegue a ser o que é¹⁴:

Hoje pesco para mim com minha melhor felicidade, disperso-a por todas as latitudes e longitudes, entre o Oriente, o meio-dia e o Ocidente, para observar se muitos peixes humanos aprendem a puxar e morder minha felicidade. Até que, mordendo meus afiados anzóis escondidos, necessitem subir até minha altura os mais chamativos góbios das profundidades, subir até o mais maligno dos pescadores de homens. Porque eu sou desde a raiz e desde o começo, puxando, atraindo, levantando, elevando, alguém que puxa, que cria e corrige, que não em vão, se diz a si mesmo, já faz tempo: “Chega a ser o que és!” Portanto, que subam agora os homens até mim¹⁵.

Estas palavras deixam pistas de que estamos diante da mais verdadeira e importante de todas as virtudes do mestre: o primeiro impulso para “chegar a ser o que se é”, por mais que não saibamos quem será, pois talvez não seja possível escolhê-lo conscientemente. Da mesma maneira, Nietzsche declara que foi escolhido por seu mestre Schopenhauer em 1865 quando se deparou, por acaso, com o livro *Mundo como vontade e representação*. Um encontro impossível e inevitável, de fato, marcado por alegria e amor, as configurações pulsionais específicas que podem ser o motor das ações aparentemente mais virtuosas¹⁶.

E é na quarta aparição do preceito que essa ideia do “mestre ao acaso” vem reforçada, pois é preciso deixar-se inspirar, deixar-se seduzir pelos acontecimentos:

O chegar a ser o que se é pressupõe o não suspeitar nem de longe o que se é. A partir deste ponto de vista, têm seu sentido e valor próprio, inclusive, os desacertos da vida, os caminhos momentâneos secundários e errados, os atrasos, as “modéstias”, a seriedade dilapidada em tarefas situadas além da tarefa. Em tudo isso, pode-se expressar uma grande prudência, inclusive a prudência maior:

¹² LARROSA, 2009: 59

¹³ LARROSA, 2009: 61

¹⁴ LARROSA, 2009: 63

¹⁵ NIETZSCHE, 1972: 324

¹⁶ WOTLING, 2007: 5

quando o *nosce te ipsun* (conhece-te a ti mesmo) seria a receita para morrer, então o se esquecer, o mal-se-entender, o diminuir-se, o aproximar-se, o mediocrizar-se, transformar-se na própria razão¹⁷.

Neste contexto, não há um Eu real, um Eu escondido a ser descoberto, pois atrás “de um véu haverá sempre um outro véu. Assim, um Eu nunca está por se descobrir, está para ainda ser inventado”¹⁸. No entanto, a partir daí temos duas novas afirmações, a do mestre por trás do erro — mas não atrás da “falsa modéstia” erudita do homem superior e sua vontade de verdade — que pode, assim, despertar a inquietude de si e o conhecimento de si através do esquecimento, e não das perfeições divinas, isto é, da fé moralizante e paralisante da vontade ascética. E, aqui, adentramos a *Vontade de potência*, a única maneira aceitável de justificar a vida, afirma Nietzsche, composta de impulsos fortes que se sobressaem perante os impulsos francos. Em suma, tal maneira de encarar a vida tem como finalidade os sentimentos de alegria e de amor que substituem o Deus limitador da existência, aquele que não só comensurava as vontades humanas reduzindo a humanidade ao pó, mas que também imprimia sobre este mundo determinada insignificância quando comparado a um mundo ideal e perfeito.

Nietzsche, assim, suprime o amor cristão, altruísta e todos os ensinamentos por trás da moral ressentida, da vingança com finalidades supostamente filantrópicas, e de tudo aquilo que incentiva o esquecimento de si em nome do outro, expondo novamente o valor do amor que relembra as particularidades; um amor corajoso e nobre que estimula, de fato, o cuidado dos desejos e das vontades mais íntimas.

A segunda e mais nova afirmação acerca do mestre surge quando aprendemos a utilizá-los como pedras da sorte, como pretextos para a experimentação de si, afinal, é preciso saber quando abandoná-los. O mesmo ocorreu com Nietzsche e “seu primeiro mestre Ritschl”, com o “sedutor: Schopenhauer”¹⁹, ou com o grande modelo: Richard Wagner. De fato, os mestres serão, se não a secreta astúcia de um caminho oblíquo, necessários para seguir essa arte das divagações, que não é um gasto inútil, mas uma obscura preparação²⁰. Porém, é preciso saber deixá-los no momento oportuno, visto que não são modelos de identificação, mas astúcias para diferir de si próprio, para separar-se de si mesmo no processo tortuoso de “chegar a ser o que se é!”²¹.

Todavia, para (não) concluir o sentido dessa máxima e atingir, assim, a noção de *Bildung*, tal como nos sugere a ideia de *mestre* em Nietzsche, devemos pensar a vida numa perspectiva que traga um novo sentido, contrário ao sentido “totalizante e totalitário da Verdade e Razão”. Mas como, na “invenção de novas possibilidades de vida? Criação? Autocriação?”²². Tudo leva a crer que a resposta seja um grande sim.

¹⁷ NIETZSCHE, 1971: 50-51

¹⁸ LARROSA, 2009: 65

¹⁹ LARROSA, 2009: 67

²⁰ NIETZSCHE *apud* LARROSA: 67

²¹ NIETZSCHE *apud* LARROSA: 67

²² LARROSA, 2009: 105

O ESTILO ARTÍSTICO

Ao fim deste extenso fio que nos guiou até aqui, até a última formulação do “tornar-se o que se é”, percebemos que tal máxima convoca o próprio esvaziamento do ser, um niilismo, chamando a atenção para um movimento de renovação, visto que não há somente um Eu, logo, um “quem se é” único e possível de se alcançar. Afinal, ao decorrer de nossos encontros e desencontros neste grande acaso chamado vida seria impossível manter a mesma posição frente às situações, por mais que se repitam e estejam em plena circularidade. Podemos dizer também que é a partir da experiência trágica com o mundo que o homem se torna o que é, pois este “quem se é” se faz entre as crenças e descrenças, pela mudança do pensamento que não cessa, pelas vivências que são mais o que depositamos nelas do que elas efetivamente são. No entanto, tudo isso ocorre quando estamos dispostos a entender a importância do olhar para si, ou do próprio cuidado de si. E isso ocorre quando somos agraciados por verdadeiros mestres que nos guiam e demonstram palavras e gestos, ou então a partir de modelos que estimulem as novas formas de vida e as maneiras mais leves, belas e alegres, o que certamente irá depositar uma esperança no homem e na sua liberdade interior.

Esta condição necessária do formar-se para viver bem — e quando descrevo bem não coloco como uma condição de mero “valor” que atenda os preceitos morais estabelecidos por uma tradição, mas falo de um “estar bem consigo”, de se perceber nesse fluxo constante da vida — provoca, naturalmente, uma inquietação pessoal, particular, dando ar aos questionamentos que se instauram a partir de um desejo de “virada”; de troca de mirada frente ao mundo. Consequentemente, esbarramos com a seguinte questão: como suportar o peso da responsabilidade de nos tornarmos “senhores de si”, mestres de nós mesmos?

Para Nietzsche, devemos perceber a formação como um novo estilo, sendo as antigas medidas, morais e preceitos posteriores às vontades, isto é, posteriores à vontade de se assenhorar, de conhecer nossos “mundos particulares.” Neste contexto, Nietzsche sugere um novo estilo, um novo sentido à vida a partir do momento em que o homem se vê de outras formas, assim como os atores trágicos que se colocam frente ao público, confrontando com o melhor e o pior de si mesmos, experimentando outras maneiras profundas e incessantes.

Deste modo, o artista trágico, sob uma visão nietzschiana, é aquele que não só constata o individual, mas experimenta tal encontro. No entanto, este é o resultado afirmativo de um exercício de atenção sobre os gestos particulares. Mas não só isso, pois atentos ao próprio silêncio, eles instalam a calma, retirando, assim, o vigor necessário para atuar, em vista da necessidade plena e vital que não só eles possuem, mas todos, de dar forma, criar, interpretar e resistir²³.

A partir disso, o “tornar-se o que se é” se assemelha à arte de encenar o trágico, sendo esta a própria essência do estilo artístico, uma vez que o personagem nobre, isto é, o herói, encara a vida em sua verdadeira instância, com toda a beleza e os atributos de um mestre consciente de si, de seus limites e suas forças de criação. Contudo, Nietzsche afirma que não seria

²³ DIAS, 2011:138

possível um indivíduo se “assenhorar” plenamente de si, sendo a “falta do controle” a única certeza humana.

No entanto, o “tornar-se o que se é” abarca muitas maneiras de ser e de se conhecer, tanto os limites quanto as possibilidades mais íntimas, desde o nível micro, particular, dos desejos fortes e fracos que possuímos, ao nível macro, político, nas relações com o outro, sobre o “inimigo”, em suma, das infinitas forças externas existentes. Por fim, se assenhorar, para Nietzsche, não deixa de ser um mecanismo de conservação, pois, conhecendo os próprios limites, é possível projetar novos caminhos que nunca serão seguros, porém, por excelência, mais criativos. Tal conservação, porém, não se assemelha à conservação encontrada na moral ascética e altruísta da má consciência cristã, pois o filósofo alemão se afasta do homem contemplativo ressaltando as propriedades nobres dos heróis que são inventores; dos artistas da própria existência, conscientes que são da incomensurabilidade do mundo.

Agora, parece que o mestre não é suficientemente descrito pela figura do viajante, com destino exato, de trajeto certo de antemão. Aqui, seu espírito se metamorfoseia, baila, transformando-se no corpo do errante, aquele que nunca sabe bem o que lhe espera em suas constantes andanças e desafios. Mas este “não saber o que esperar” está longe do desconhecer-por-completo-o-mundo, porém, muito próximo do reinterpretar, reler o que já foi “escrito” de novas e distintas maneiras. Um caráter marcante da própria tragédia, em que o herói tenta fugir do seu destino, trilhar outras possibilidades, encarar fatalidades, o que não lhe impede de construir, mesmo assim, um trajeto com total originalidade. Desse modo, será o homem mais experimentado aquele que ultrapassar as barreiras e encontrar o seu próprio estilo, dotando-o de belas formas.

Por isso, Nietzsche deseja que o homem se torne mestre de si, deixe de ser espectador e passe a ser criador. Um momento de virada, em que o homem irrompe para tornar-se um ser de ação. Isto evidencia que o criador não mais se diferencia do criar-se a si mesmo, criar os demais e criar o mundo como obra de arte, pois em Nietzsche o homem torna-se parte do mundo²⁴. No entanto, surge a seguinte pergunta: por que a arte, especialmente a trágica, deve explicar a vida, dar-lhe um sentido, a ponto de o educador ter de possuir, nada mais, nada menos, um espírito com as mesmas características dos nobres heróis trágicos? Daqueles que são errantes por natureza, vagando sem rumo certo, desafiando o que desconhece? Para Nietzsche, precisamos do retorno do mestre como modelo para pensar numa cultura em sua verdadeira instância, isto é, naquela que se instaura com o gosto refinado individual pelo saber. Em outras palavras, um gosto que despreza o conhecimento como mercadoria ou ferramenta de conservação; uma cultura que não menospreza o esquecimento e não se culpa pelo descumprimento das regras estabelecidas pela história.

Em suma, tudo isso requer um novo paladar, um outro estilo, pois o mestre deve desejar as novas medidas de um “novo valorar”, assim como o filósofo e o artista. Ou seja, uma nova justificativa para a condição humana que seja nobre por excelência, equilibrada e que delinieie limites de si, que seja mais experimentada e que não tenha medo de mudar, pois os ideais realmente mudam, principalmente quando não correspondem mais ao período da vida em que se está.

²⁴ DIAS, 2011:141

Este é o *Geist* do estilo artístico que conquista o mestre nietzschiano e que agora é capaz de revelar a desarmonia da existência. Aquele que não tem medo da voz do *phatos*, da chama de seus impulsos, pois a cultura não pode exonerar os vícios, as crueldades, a ousadia e o risco, próprios da vicissitude do combate. A partir daí, então, o educador poderá perceber que não só a rigidez e o sofrimento educam, mas também a guerra. Mas, qual guerra? A guerra dos desejos, das potências heterogêneas que habitam o homem, e que já foram descritas em *O nascimento da tragédia* através de Apolo e Dionísio, forças trágicas que representam a

incerteza do horizonte mantendo o caminho aberto a vários outros pensamentos e que retornar a consciência através da dúvida. Ele é tomado pelo artístico e pelo científico, e quanto a isto não há mais dúvida, mas qual seria à sua própria estruturação, ao seu declínio e destruição para uma nova criação, numa dinâmica que não deifique o devir²⁵.

Cumprido notar que o mestre deve cultivar a pluralidade da existência, pois é este o movimento que implica no próprio refinar do gosto e que embeleza e aprimora as formas em vida oferecendo um novo ritmo, um novo olhar: um olhar novo sobre as antigas coisas. De fato, isso demonstra a ligação entre o saber e a arte com a competência importante da medida, visto que ter poder é o mesmo que saber administrar e refrear, criar formas de civilidade, ligando seres sem educação a leis de conveniência, de limpeza, de cortesia, dissimulando e reinterpretando toda feiura²⁶.

De fato, podemos afirmar que a ideia de mestre adentra a esfera política, sobretudo se pensarmos nas reviravoltas do ato de “revalorar”, de “dar voz às vontades particulares” para justificar a existência através de novas maneiras. Sob essa perspectiva, estamos lidando com uma ética nietzschiana, uma ética do mestre, em que o homem precisa, primeiramente, se “assenhorar” de si, conhecer seus limites, entender que existem enormes e inevitáveis desafios que o recolocam novamente dentro desse jogo chamado acaso. Agora, é preciso entender a condição da vida, isto é, a plena prática competitiva que a amplifica e que é oposta à moral cristã, baseada na fé, no cultivo da privação, no castigo, na submissão e na dissimulação. Assim, as religiões, principalmente a “religião da verdade”, aquela que apaga toda a coragem do saber e sustenta o encantamento da moralidade, operam rejeitando “as causas, depois as consequências e, por último, a própria realidade, tirando todas as suas sensações superiores do urdimento de um mundo imaginado, no qual não se precisa enfrentar os medos”²⁷.

Porém, tais verdades consoladoras, provenientes, segundo Nietzsche, dessa metafísica, não dão conta de explicar o sentido do mundo, limitando a vida, fundando novas ilusões ao rejeitar as máscaras saudáveis que todos possuem — e que certamente são as que nos distinguem —, instaurando uma tábua de valores fixos onde repousa a nossa humanidade.

Nesse sentido, a fé cala as nossas dúvidas conservando a moral da preguiça e do silêncio que até hoje impera. Porém, o filósofo não deseja o

²⁵ NIETZSCHE, 2000a: 47

²⁶ NIETZSCHE, 1992: 55

²⁷ MELO, 2010: 63

extermínio da moral e da verdade. Ele deseja, através de sua concepção, resgatar a nobreza da verdade e denunciar a falta de coragem que atualmente a constitui. De fato, seria preciso transformar o conhecimento em algo mais digno, ou seja, em um saber, que chega através da crítica: esta “terrível ameaça” que dá coragem e ação ao pensamento. Percebe-se, assim, à luz de Nietzsche, que precisamos dar estilo ao nosso conhecimento. Mas como? Ora, a partir das experiências, pois será preciso aprender que viver denota ousar, e que a vida quer dizer experiência. Precisamos justificar nossas vidas de outra maneira, fugir da submissão e romper com a escravidão moral para, então, poder evoluir e avançar no nosso próprio campo de tensões.

Assim, quando falamos de Nietzsche, estamos lidando antes com uma nova moral, uma moral individual que não implica em esquecer o outro. Pelo contrário, consiste em entender-se melhor frente às diferenças com o outro. Logo, este não seria um elogio ao egoísmo, pois um “saber de si” respeita as próprias forças e os próprios limites no momento em que lidamos com os desafios da convivência. Além disso, quando o mundo é entendido a partir das casualidades, torna-se mais justo, pois, a partir daí, compreendemos que existem as mesmas chances de errar, perder e fracassar, acertar, ou ganhar. Em suma, através dessas experiências aprendemos que não só no sofrimento há formação, mas também na luta. E é esta a sabedoria que podemos arrancar da experiência, da importância do acaso, pois ambos ensinam “a pintar as coisas com tons mais suaves, quando a felicidade nos parece inalcançável”²⁸. Em outras palavras, é isso que preserva o caráter artístico e que será pensando como o ponto de partida de uma moral nietzschiana. Essa nova ética composta pelo equilíbrio e compreensão de si e do outro instaura uma jovem maneira de justificar a vida, podendo não só ampliar a potência dos homens, mas resultar num belo culto à diversidade humana, mediante a qual celebraríamos as diferenças existentes e inegáveis que ampliam a vida através do equilíbrio e do respeito com o outro. De fato, é assumindo e compreendendo tais trocas e diferenciações que refinamos o nosso gosto, pois nessa luta percebemos o gosto do outro, reforçamos os nossos e, assim, surgem os novos estilos que embelezam e aprimoram a existência.

No entanto, essa moral não está posta para demonstrar que sempre *um* irá prevalecer sobre o *outro*. Está longe também de ser uma apologia à violência, pois o que Nietzsche deseja é exatamente o contrário: desbancar os egoísmos, sobretudo as quatro esferas anteriormente mencionadas, que simbolizam o domínio de um interesse sobre muitos. Diante dessa ameaça, Nietzsche resgata o valor do mestre na civilização, assim como a importância de sua nobre luta. Uma guerra que requer fôlego e coragem. Portanto, estamos falando da luta de um homem dotado de *Geist*, que desperta sentimentos importantes, como a insatisfação moderada, ou, em outras palavras, uma insatisfação de si, que se eleva a um conhecimento de si, a um gosto por si, porém mais apurado e artístico.

Por fim, se a investigação teve como finalidade evidenciar a ideia de mestre no pensamento de Nietzsche, este foi o momento de refinar tal conceito, delimitando-o na obra do autor. O fato é que Nietzsche sempre nos convoca a conhecer a grandeza de objetar o valor do próprio pensamento, de refletir, até a última instância, sobre as possibilidades mais íntimas do mestre,

²⁸ NIETZSCHE, 1992: 68

tudo à luz da experimentação. Assim, se utilizarmos sua idealização de mestre, sua relevância para cogitarmos acerca de nossos assuntos, a discussão não cessará por aqui. Pelo contrário, fará surgir outras questões infinitas e delicadas, outras demandas audaciosas e, sobretudo, emergentes, que poderão auxiliar o pensamento do educador dos dias atuais.

Na verdade, grande parte das reflexões nietzschianas acerca dos mestres é o resultado de suas experiências antes de se tornar um *filósofo nômade*, durante os dez anos que exerceu a docência no curso de filologia. Foi nesse ambiente que Nietzsche concluiu que o educador é uma composição de tipos e que sua disposição, de fato, fundamenta uma ética individual tipológica que atinge a civilização. Nesse momento, o filósofo uniu a teoria à práxis, aventurando-se nas intermitências da ação e do pensamento, não sem depositar uma bela esperança no mestre, visto, agora, como “único e original, novo e incrível e de maneira alguma tedioso”²⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, uma pergunta permanece: como aplicar os ensinamentos nietzschianos abordados ao longo deste trabalho nos dias de hoje? Ou, por que pensar no educador a partir de suas objeções, já que, ao fim e ao cabo, fazemos parte de uma sociedade culturalmente distante? Distante, mas não distinta, pois Nietzsche adentra uma noção de formação para a vida e devolve à civilização o que lhe foi tomado: o valor de um bom ideal, de um mestre adequado. Contudo, fala de um mestre que está em condições de servir de exemplo para novas e vitais obras que ainda estão por vir.

Dessa mesma maneira, percebemos que para Nietzsche a tarefa do educador não se assemelha à função do operário, mas à do artesão, na medida em que é paciente, primeiro, perante sua própria formação, assumindo as condições de servir de exemplo, não pela sua fala ou notoriedade, mas através de suas ações. Logo, o filósofo levanta as tarefas do educador que deve adestrar os primeiros e jovens impulsos que ainda estão sem direção, que estão sendo desperdiçados. Para isso, é necessário um “bom guia”, que seja capaz de transformar opiniões vazias em pensamentos sérios e seguros. Assim, uma formação pensada como processo de constituição humana não ocorre naturalmente, pois necessitamos recorrer ao mestre, mas ao mestre provocador, guia e censor, aquele que ensina através dos problemas da existência. De fato, é aqui que Nietzsche resgata o valor da experiência.

Assim sendo, nem o aluno, muito menos o educador, deverão confundir a verdadeira educação, menos ainda deturpar sua finalidade que não se assemelha à liberdade gratuita, ao passo que formar também é podar, controlar para conhecer e atingir compreensões maiores, como, por exemplo, os saberes mais sólidos e fortes.

Diante da perspectiva do mestre, quem espera de Nietzsche respostas prontas e abertas, moles e complacentes aos dias de hoje, certamente irá se decepcionar, pois os frutos que podemos colher de sua vasta obra não são de cunho utilitarista e pragmático. Por isso, esta investigação não oferece respostas diretas e prévias aos problemas do educador, menos ainda uma

²⁹ NIETZSCHE, 2003: 139

noção de formação, um método, uma fórmula, pois pensar em Nietzsche é pensar com Nietzsche; é criar uma atmosfera, um lugar que seja possível respirar novos ares. De fato, uma atmosfera para se pensar no mestre, porém, um mestre vestido de distintas formas. Para isso, segundo Marton, seria preciso fazer uma leitura intensiva do filósofo alemão, enquanto que para Deleuze é necessário conectar o texto nietzschiano com a força exterior pela qual ele faz passar algo. Ou ainda, na voz de Lyotard, produzir novas e diferentes intensidades a partir de Nietzsche³⁰.

Por isso, se não podemos falar desse fruto, isto é, dar resultados e respostas sobre o mestre, e menos ainda formular uma receita ou método, uma teoria que lide com a sua essência, a partir de Nietzsche podemos ressaltar sua crítica àqueles que não estão — e nunca estarão — em condições de assumir a maestria. Revisitar sua denúncia sobre os estabelecimentos de ensino que, ao invés de formar, “deseducavam” o ser humano, arruinando o melhor do seu espírito. Porém, Nietzsche fala através de máscaras, de tipologias bastante variadas. Em primeiro lugar, temos o mestre Dionísio, que educa sem desprezar o horror das contingências, que é capaz de retirar ensinamentos da mentira, do esquecimento e dos erros; depois o homem Schopenhauer, o educador que considerou o seu “eu” através de autoexames e que, com uma autodisciplina invejável, fez do rigor e da solidão os lemas principais da vida, tornando-se um exemplo de espírito nobre que se relacionou com o conhecimento de diversas maneiras. E por fim, temos a terceira tipologia, encontrada na fase mais derradeira de sua obra, aquele que representa o “suprassumo” ou a síntese da ideia de mestre, que aparece ensinando ao sol do meio-dia sem desprezar a sombra da meia-noite: Zaratustra, o errante que mostra as ações humanas como atos plenos, pois não há redenção, afinal, o que está feito está feito e irá retornar. Por isso, resta ao ser humano uma finitude de palavras, formas e verdades que irão retornar incessantemente, porém, banhadas pelo infinito e imprevisível mar chamado mundo.

No entanto, há um fio comum que liga as três tipologias encontradas na filosofia nietzschiana, como um fio de Ariadne, pois o mestre será, em todos os casos, o ideal que justifica a existência de outras maneiras e que repensa a formação enquanto processo de constituição humana em todos os casos, em todas as fases de Nietzsche. Por isso, o educador, independente do tempo histórico de onde estamos falando, independentemente do “Nietzsche” que estamos focando, deve negar os egoísmos da educação, renunciando as verdades que já soam de modo grosseiro aos ouvidos, no intuito de encontrar um gosto mais refinado, mais particular, logo, mais criativo.

Porém, os antídotos que o filósofo revela só poderão “vir-a-ser” quando a máscara da certeza dissolver, quando os fantasmas da fé e do medo frente ao novo deixarem de perturbar o homem. Em outras palavras, na ocasião em que se abraça, igualmente, a grande esperança que Nietzsche deposita na formação humana, ou quando a civilização descobrir o valor do educador que deixou de carregar o fardo pesado da erudição, afastando-se das ações burocráticas. Enfim, quando deixarmos de lidar com o conjunto de tarefas do mestre como um mero “ofício”.

Para finalizar, o mestre é este tipo capaz de mostrar que a existência é uma finita invenção delicada, audaciosa, desesperada, emergente, mas,

³⁰ MARTON, 1997: 10

sobretudo, composta de alegrias e tristezas derramadas à luz do acaso, afinal, possuímos tantas chances de fracassar quanto de obter sucesso. Esta será, em suma, a grande e bela “resposta” de Nietzsche ao problema do mestre, pois dele extraímos a essência para um futuro melhor percebendo a vida de outras formas, com outros sabores, com outros olhares. O educador nietzschiano é aquele que aponta as formas incomensuráveis que existem no mundo visando uma cultura mais artística, saudável e de gosto refinado, independentemente do tempo vivido.

Em suma, neste trabalho nos deparamos com a maneira nietzschiana de ver o mestre, que caminha junto ao risco, ao jogo e à dança, mas, ainda assim, foi preciso dizer algo a mais, algo sobre o mestre e a disciplina, a dor, os problemas, isto é, a condição trágica em que, na maior parte do tempo, o homem se encontra. Em outras palavras, antes da leveza, é necessário compreender quem é leve, ou melhor, perguntar-se por que ser leve. A partir daí compreenderemos melhor a importância da experimentação, da degustação dos casos que Nietzsche nos propõe e, sobretudo, a dura promessa e os compromissos que todo educador necessita atravessar.

BIBLIOGRAFIA

DIAS, R. (1991). **Nietzsche Educador**. São Paulo: Editora Scipione.

LARROSA, J. (2009). **Nietzsche e a Educação**. Trad. Semíramis Gorini Da Veiga. Belo Horizonte. Autêntica.

MARTON, S. (1997). **A terceira margem da interpretação**. In: A doutrina da vontade de poder em Nietzsche. São Paulo. Annablume.

MELO, E. (2010). **Nietzsche e a Justiça**. São Paulo. Editora Perspectiva.

NIETZSCHE, F. (1992) **Além do Bem e do Mal**. Trad. Paulo César de Souza. 2ª Ed. São Paulo. Companhia das Letras.

_____. (1972) **Así Habló Zaratustra**. Madrid. Alianza.

_____. (1971). **Ecce Homo**. Madrid. Alianza.

_____. (2000a) **Humano, demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras.

_____. (1985) **La Gaya Ciencia**. Caracas. Monte Ávila.

_____. (2000b) **Schopenhauer como educador**. Madrid. Biblioteca Nueva.

WORTLING, Patrick. **Quando a potência dá prova de espírito: origem e lógica da justiça segundo Nietzsche.** Cadernos Nietzsche, nº 32, 2007, pp. 113-140.